

a maldição de sarath



a
maldição de
Sarnath

Tradução
Celso M. Paciornik

H.P. LOVECRAFT

ILUMI/URAS

Titulos originais

The Other Gods; The Tree; The Doom that Came to Sarnath; The Tomb; Polaris; Beyond the Wall of Sleep; Memory; What the Moon Brings; Nyarlathotep; Ex Oblivione; The Cats of Ulthar; Hypnos; Nathicana; From Beyond; The Festival; The Nameless City; The Quest of Iranon; The Crawling Chaos; In the Walls of Eryx; Imprisoned with the Pharaohs

Copyright © da tradução e desta edição

Editora Iluminuras Ltda.

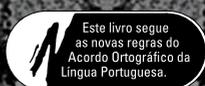
Capa e projeto gráfico

Eder Cardoso / Iluminuras

Preparação e revisão

Bruno Silva D'Abruzzo

Camila Cristina Duarte



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

E947m

Lovecraft, H. P., 1890-1937.

A maldição de Sarnath / H. P. Lovecraft; tradução Celso M. Paciornik. –

2. ed. – São Paulo : Iluminuras, 2014.

232 p.; 23cm

Título original: The Doom that Came to Sarnath

ISBN 978-85-7321-446-8

1. Conto infantojuvenil americano. I. Paciornik, Celso M. II. Título.

14-13466

CDD: 028.5

CDU: 087.5

2019

EDITORA ILUMINURAS LTDA.

Rua Inácio Pereira da Rocha, 389 - 05432-011 - São Paulo - SP - Brasil

Tel./Fax: 55 11 3031-6161

iluminuras@iluminuras.com.br

www.iluminuras.com.br

Índice

os outros deuses, 9

a árvore, 17

a maldição de Sarnath, 23

a tumba, 31

Polaris, 45

além da barreira do sono, 51

memória, 65

o que vem com a Lua, 67

Nyarlathotep, 71

ex Oblivione, 75

os gatos de ULthar, 79
HYpNOS, 85
NATHICAND, 95
do ALÉM, 99
o festivaL, 109
A cidade SEM NOME, 121
A procura de IRdNON, 137
o rajstejante caos, 147
NdJ MURdLHdJ de eRYX, 157
encerrado com os fardós, 195
sobre o dutor, 231

os outros deuses

No topo do mais alto dos montes terrestres habitam os deuses da terra, e homem algum ouse dizer que os tenha visto. Eles já habitaram picos mais baixos, mas os homens das planícies acabavam escalando as encostas de pedra e neve, empurrando os deuses para montanhas cada vez mais altas, até só lhes restar agora a última delas. Conta-se que quando deixaram seus velhos cumes, levaram consigo qualquer sinal de sua presença, exceto num deles, em que teriam deixado uma imagem esculpida na face da montanha a que chamavam Ngranek.

Mas agora eles se foram para a desconhecida Kadath, na vastidão gélida que homem nenhum percorre, e se tornaram intransigentes, já não tendo um pico mais alto para onde fugir com a chegada dos homens. Ficaram intransigentes, e se antes permitiam que os homens os desalojassem, agora os proíbem de ali chegar; ou, tendo chegado, de partir. Melhor os homens nada saberem de Kadath, naquela vastidão petrificante, caso contrário tentariam imprudentemente galgá-la.

Às vezes, quando saudosos, os deuses da terra visitam, nas noites serenas, os picos onde costumavam viver, e choram mansamente enquanto tentam se divertir à moda antiga nas lembradas encostas. Os homens sentiram as lágrimas dos deuses sobre a nevada Thurai, embora tenham pensado que fosse chuva; e ouviram os suspiros dos deuses nos lamuriosos ventos matinais de Lerion. Os deuses costumam viajar em embarcações

de nuvens; e sábios aldeões conhecem lendas que os mantêm afastados de certos picos altos à noite, quando o tempo está nublado, pois os deuses já não são afáveis como antigamente.

Em Ulthar, situada além do rio Skai, habitava certa vez um ancião ávido por encontrar os deuses da terra; um homem profundamente versado nos *Sete Livros Crípticos de Hsan* e familiarizado com os *Manuscritos Pnakóticos* da distante e gélida Lomar. Seu nome era Barzai, o Sábio, e os aldeões contam como ele escalou a montanha na noite do estranho eclipse.

Barzai sabia tanto sobre os deuses que poderia contar suas idas e vindas, e adivinhara tantos de seus segredos que considerava a si próprio quase um deus. Foi ele quem sabiamente aconselhou aos burgueses de Ulthar quando aprovaram sua extraordinária lei contra a matança de gatos, e quem primeiro contou ao jovem sacerdote Atal para onde iam os gatos pretos na meia-noite da Véspera de São João. Barzai era versado no saber dos deuses da terra, e ficara obcecado pelo desejo de ver seus rostos. Por acreditar que seu grande conhecimento secreto o protegeria da ira dos deuses, resolveu subir ao topo da alta e rochosa Hatheg-Kla numa noite em que eles ali estariam.

Hatheg-Kla fica distante, no deserto pedregoso além de Hatheg, que lhe emprestou o nome, erguendo-se como uma estátua de pedra num templo silencioso. Ao redor de seu cume esvoaçam brumas eternas e tristes, que são as memórias dos deuses, e os deuses amavam Hatheg-Kla quando ali habitavam em tempos antigos. Frequentemente, os deuses da terra visitam Hatheg-Kla em suas embarcações de nuvens, espalhando pálidos vapores sobre as encostas enquanto dançam evocativamente sobre o topo, imersos no clarão do luar. Os aldeões de Hatheg dizem que é perigoso escalar Hatheg-Kla a qualquer hora, e mortal escalá-la à noite, quando opacos vapores ocultam o cume e a lua. Mas Barzai não lhes deu atenção quando chegou da vizinha Ulthar com o jovem sacerdote Atal, seu discípulo. Atal era apenas

o filho de um estalajadeiro e às vezes era tomado pelo medo, mas o pai de Barzai tinha sido um landgrave habitante de um antigo castelo, não trazendo, pois, nenhuma superstição popular em seu sangue, e apenas riu-se dos assustados aldeões.

Barzai e Atal saíram de Hatheg em direção ao deserto pedregoso, apesar dos rogos dos camponeses, e à noite, acampados, conversavam perto do fogo sobre os deuses da terra. Viajaram durante muitos dias até avistarem, ao longe, a imponente Hatheg-Kla com seu halo de brumas plangentes. No décimo terceiro dia, alcançaram o solitário sopé da montanha, e Atal falou de seus temores. Mas Barzai era velho e versado, e não tinha medo, por isso abriu caminho impavidamente, subindo a encosta que homem algum havia escalado desde os tempos de Sansu, de quem se fala com pavor nos mofados *Manuscritos Pnakóticos*.

O caminho era rochoso e perigoso por causa de seus precipícios, penhascos e desmoronamento de pedras. Mais tarde, o tempo ficou frio e nevoento. Barzai e Atal frequentemente escorregavam e caíam enquanto abriam caminho com a ajuda de bastões e machadinhas e subiam penosamente. Finalmente o ar foi se rarefazendo, o céu mudou de cor, e os escaladores encontravam dificuldade para respirar, mas continuavam subindo e subindo, arduamente, embevecidos com a estranheza do cenário e arrepiando-se com a ideia do que aconteceria no cume quando a lua saísse e os opacos vapores os rodeassem. Durante três dias eles subiram, cada vez mais para o alto, rumo ao teto do mundo; então acamparam para esperar o enevoamento da lua.

Durante quatro noites nenhuma nuvem apareceu e a gélida lua brilhou através da tênue névoa plangente que rodeava o silencioso píncaro. Então, na quinta noite, que era a noite da lua cheia, Barzai avistou longínquas nuvens densas ao norte, e postou-se de pé, com Atal, assistindo a sua aproximação. Densas e majestosas, elas deslizavam, avançando lenta e deliberadamente, espalhando-se ao redor do alto cume acima dos observadores e turvando

sua visão da lua e do pico. Durante uma demorada hora, os dois espectadores ficaram olhando fixamente o turbilhão de vapores e o véu de nuvens que se adensava incessantemente. Barzai era versado no conhecimento dos deuses da terra e ficou atento para escutar certos sons, mas Atal sentiu o calafrio dos vapores e o pavor da noite, assustando-se ainda mais. E, quando Barzai reencetou a subida e acenou vivamente para ele, Atal demorou a segui-lo.

As brumas eram tão densas que tornavam o caminho mais árduo, e embora Atal finalmente o seguisse, mal conseguia enxergar a forma acinzentada de Barzai na sombria encosta acima, sob o enevoadado luar. Barzai avançava penosamente, muito à frente, e a despeito de sua idade, parecia subir mais facilmente que Atal, sem temer a inclinação do terreno que começara a ficar íngreme demais para alguém que não fosse muito forte e ousado, nem se deter diante das largas fendas negras que Atal mal conseguiria saltar. E assim prosseguiram, galgando freneticamente rochas e precipícios, escorregando e ocasionalmente se assombrando com a vastidão e o terrível silêncio dos tenebrosos picos gelados e dos silenciosos abismos de granito.

De repente, Barzai sumiu da vista de Atal ao escalar um terrível penhasco que parecia se projetar para a frente, bloqueando a passagem de qualquer alpinista não inspirado pelos deuses da terra. Atal estava muito abaixo, planejando o que deveria fazer quando chegasse ao local, quando percebeu, intrigado, que a luz tinha ficado mais intensa, como se o desnublado pico e o enluzado ponto de encontro dos deuses estivessem muito próximos. E enquanto se arrastava para o rochedo saliente e o céu iluminado, sentiu calafrios mais assustadores do que jamais sentira. Ouviu então, através das altas brumas, a voz de Barzai gritando, ensandecido de prazer:

“Eu ouvi os deuses. Eu ouvi os deuses da terra cantando festivamente em Hatheg-Kla! As vozes dos deuses da terra são

conhecidas por Barzai, o Profeta! As névoas se abrem e a lua brilha, e verei os deuses dançando freneticamente sobre a Hatheg-Kla que amavam em sua juventude. A sabedoria de Barzai tornou-o maior que os deuses da terra e, contra sua vontade, suas magias e obstáculos não contam. Barzai verá os deuses, os orgulhosos deuses, os secretos deuses, os deuses da terra que se esquivam da vista humana!”

Atal não conseguia ouvir as vozes que Barzai escutava, mas agora, próximo do rochedo saliente, esquadrihava-o à procura de apoios para os pés. Foi quando ouviu a voz de Barzai, mais alta e esganiçada:

“A névoa está muito fina e a lua lança sombras sobre a encosta; as vozes dos deuses da terra são altas e selvagens, e eles temem a vinda de Barzai, o Sábio, que é maior do que eles... O clarão da lua estremece enquanto os deuses da terra dançam contra ele; verei as formas dançantes dos deuses que saltam e uivam ao luar... A luz escureceu e os deuses estão com medo...”

Enquanto Barzai gritava essas coisas, Atal sentiu uma mudança espectral no ar, como se as leis da terra estivessem se curvando a leis maiores, pois embora o caminho fosse mais íngreme do que nunca, a ascensão se tornara assustadoramente fácil e o rochedo saliente mostrou-se um obstáculo risível quando ele o alcançou e se arrastou perigosamente para cima, percorrendo sua superfície convexa. O clarão da lua misteriosamente desaparecera, e quando Atal mergulhou nas brumas superiores, ouviu Barzai, o Sábio, vociferando nas trevas:

“A lua escureceu e os deuses dançam dentro da noite: há terror no céu, pois sobre a lua desceu um eclipse não previsto em nenhum livro dos homens ou dos deuses da terra... Paira uma magia desconhecida em Hatheg-Kla, pois os gritos dos assustados deuses transformaram-se em risos, e as encostas de gelo se lançam interminavelmente aos negros céus para onde mergulho... Êh! Êh! Enfim! Na pálida luz, eu vejo os deuses da terra!”

Atal, deslizando agora vertiginosamente para o alto sobre precipícios inconcebíveis, ouviu então, na escuridão, um riso apavorante, misturado com um grito, como homem algum jamais ouvira, exceto no *Phlegethon* dos pesadelos indescritíveis; um grito em que reverberavam o horror e a angústia de toda uma vida assombrada sintetizados num instante atroz:

“Os outros deuses! Os outros deuses! Os deuses dos infernos exteriores que guardam os frágeis deuses da terra!... Desvie o olhar... Volte... Não olhe! Não olhe! A vingança dos abismos infinitos... Este maldito, funesto abismo... Piedosos deuses da terra, *estou caindo do céu!*”

E enquanto Atal, de olhos cerrados e ouvidos tapados tentava saltar para baixo, vencendo a pavorosa sucção das alturas desconhecidas, ressoou em Hatheg-Kla aquele fabuloso estrondo de trovão que acordou os pacatos aldeões das planícies e os honestos burgueses de Hatheg, Nir e Ulthar, e levou-os a avistar, por entre as nuvens, o estranho eclipse da lua que nenhum livro havia previsto. E, quando a lua finalmente apareceu, Atal estava a salvo sobre as neves inferiores da montanha sem nenhum vislumbre dos deuses da terra ou dos *outros* deuses.

Está narrado nos mofados *Manuscritos Pnakóticos* que Sansu nada encontrou exceto rochas mudas e gelo quando escalou Hatheg-Kla, no alvorecer do mundo. No entanto, quando os homens de Ulthar, Nir e Hatheg venceram seus temores e galgaram os assombrados precipícios à luz do dia em busca de Barzai, o Sábio, encontraram gravado na pedra nua do cume um curioso e ciclópico símbolo com cinquenta cúbitos de largura, como se a rocha tivesse sido riscada por algum titânico cinzel. E o símbolo era igual a um que os estudiosos haviam identificado naquelas partes assustadoras dos *Manuscritos Pnakóticos*, que eram antigas demais para serem lidas. Isso foi o que encontraram.

Barzai, o Sábio, eles nunca acharam, nem pôde o santo sacerdote Atal ser jamais persuadido a orar pelo descanso de

sua alma. Mais ainda, daquele dia em diante, os moradores de Ulthar, Nir e Hatheg temem os eclipses e rezam, à noite, quando opacos vapores ocultam o cume da montanha e a lua. E acima das brumas que envolvem Hatheg-Kla, os deuses da terra às vezes dançam saudosos, pois sabem que estão seguros, e amam vir da desconhecida Kadath em embarcações de nuvens e brincar à moda antiga, como faziam quando a terra era nova e os homens não se atreviam a galgar lugares inacessíveis.

(1921)